

## A PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA SOBRE OS QUILOMBOLAS DE GOIÁS (SÉCULOS XVIII AO XXI)\*

Fernando Bueno Oliveira\*\*, Maria Idelma Vieira D'Abadia\*\*\*

**Resumo:** este ensaio objetiva delinear estudos sobre os quilombolas de Goiás que remetem aos séculos XVIII ao XXI, com enfoque à população Kalunga. As produções acadêmicas sobre os quilombos goianos nos oferecem diferentes possibilidades para a apreensão da dinâmica quilombola nos períodos escravista e pós-escravista: são abordagens que servem de base para outras produções acadêmicas; que questionam a ideia do isolamento; que trabalham a questão do medo; que apreendem a realidade vivida de um grupo num sentido sociológico; e, que se utilizam de categorias geográficas para a compreensão da identidade de uma comunidade.

**Palavras-chave:** Quilombos. Produções. Kalunga. Goiás.

THE HISTORIOGRAPHICAL PERSPECTIVE ON QUILOMBOLAS FROM GOIÁS (FROM XVIII TO XXI CENTRIES)

**Abstract:** *this essay aims to trace studies of the “quilombos” of Goiás referring to the eighteenth to the twenty-first centuries with a focus on Kalunga population. The academic production on the Goiás’s quilombos, listed here, give us different possibilities for the understanding of quilombos dynamics slavery and post-slavery: they are studies that are the basis for other academic productions; that questions the idea of isolation; working the issue of fear that seizes the lived reality of a group in a sociological sense; and that use geographic categories for understanding the identity of a community.*

**Keywords:** Quilombo. Productions. Kalunga. Goiás.

\* Recebido em: 19.01.2015. Aprovado em: 10.05.2015.

\*\* Mestrando no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás – Brasil (UNUCSEH/UEG). E-mail: fernandobueno@geogmail.com.

\*\*\* Doutora em Geografia (IESA/UFG - 2010). Professora no curso de Geografia e no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades TECCER da UNUCSEH/UEG. E-mail: midabadia@bol.com.br.



**E**sse ensaio objetiva delinear estudos sobre os quilombolas de Goiás que remetem aos séculos XVIII ao XXI. Não é de nossa pretensão trazer à tona afirmações prontas e não suscetíveis a futuras argumentações, mas a de apresentar possibilidades no estudo de tal temática, que, por sinal, é muito instigante.

Pensando num leitor que busca um levantamento de dados, fizemos notas de produções acadêmicas, com ênfase à população Kalunga, que, conforme as temáticas trabalhadas servem de referência para o estudo dos quilombolas em Goiás.

As produções acadêmicas das quais faremos notas, nos oferecem diferentes possibilidades para a compreensão da dinâmica dos quilombolas goianos, com enfoque à população Kalunga: são abordagens que questionam a ideia do isolamento; que trabalham a questão do constante medo que os quilombolas (re)passavam ao longo do sistema escravista em Goiás; que apreendem a realidade vivida de um grupo num sentido sociológico; e, que se utilizam de categorias geográficas para a compreensão da identidade de uma comunidade.

## ELENCO DE PRODUÇÕES

Em Goiás, algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado tiveram como objeto de pesquisa os quilombos contemporâneos existentes em território goiano<sup>1</sup>. Alguns estudos primeiros se configuram como referenciais no entendimento da constituição de certas comunidades, tais como os de Martiniano José da Silva (1974) e os de Mari de Nasaré Baiocchi (1983; 1996).

Nesse ensaio, além dos supracitados, elencamos alguns estudos já concluídos em diferentes programas de pós-graduação do Estado de Goiás e do Distrito Federal, com os quais tivemos contato durante a realização das disciplinas do mestrado e nas leituras cotidianas.

Os estudos de Marise Vicente de Paula (2003), de Thaís Alves Marinho (2008) e de Maria Geralda de Almeida (2013), cada qual com sua temática, dão enfoque à população Kalunga. Já o trabalho de Eliézer Cardoso de Oliveira (2006) não se alicerça especificamente no estudo dos quilombos goianos, mas contribui significativamente na compreensão das dinâmicas histórica e atual dos quilombos em Goiás.

É importante registrarmos que o autor Paulo Bertran possui importantíssimas produções que levam em conta o sistema escravista em Goiás, entretanto, não faremos nota aqui por acreditarmos que a sua vasta produção é digna de um artigo por inteiro, não sendo possível reduzi-lo em tópico. Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles (1992) e Mary Catherine Karasch (1996) também são importantes na compreensão da escravidão em Goiás.

É importante constarmos as diversas produções que traçam o histórico dos quilombos em Goiás, como, por exemplo, os estudos de Luís Palacín e Maria Augusta de Sant'Anna Moraes (2001) e Neusa Maria Mendes Gusmão (1992), dentre outros.

A seguir apresentamos, sucintamente, as abordagens de autores que contribuem para a compreensão da dinâmica quilombolas em Goiás no período que compreende os séculos XVIII ao XXI.

### MARTINIANO JOSÉ DA SILVA

O livro *A Sombra dos Quilombos* de Silva (1974) apresenta um estudo que aborda a história do negro em Goiás e sua influência na cultura goiana, ressaltando a expressiva presença negra refletida na existência de inúmeros quilombos e suas reminiscências no território goiano. Nesse mesmo livro, o autor não se debruça significativamente no estudo sobre a população Kalunga, percebendo-se que o conhecimento que se tinha sobre ela, até então, não passava de informes locais, tal como podemos verificar no trecho a seguir:

As cidades mais velhas do norte e nordeste goiano, [...] conservam nos municípios muitas vilas e aglomerados humanos constituídos quase que exclusivamente de pretos. E a maioria ainda é formada de uns negros bastante tímidos, mesmo até ariscos. Sabe-se que, quando vêm ao comércio, é um “Deus nos acuda”. E andam uns atrás dos outros em passos iguais, diria, como bororós no Mato Grosso, espantados como se fossem bois de boiada, retratando que vivem - ainda em



péssima condição social-cultural, higiênica e de alimentação. Segundo o Dr. Juracy Cordeiro, inteligente promotor de justiça conhecedor daquela área, há por lá os chamados negros Calunga, que já formaram a região do próprio nome, dizendo-se mesmo que se comunicam através de um dialeto inelegível, especialmente quando encontrados num perímetro urbano, o que seria por certo ainda, um remanescente da língua africana. Recentemente o professor Altair Sales Barbosa, que leciona antropologia na Universidade Católica de Goiás, em pesquisas arqueológicas no nordeste goiano gravou em fita um tipo de dialeto, que imagina seja remanescente africano, falado por uma negra velha, diria sedentária, de uma fuma. Infelizmente não conseguimos tal gravação. Pois bem, informa em seguida o Dr. Juracy que os pretos calungas vivem seminus até os 13 anos; que só andam em fila indiana, podendo-se dizer que são os mesmos que vivem enfurnados e anônimos no Chamado “Vão das Almas” em Cavalcanti (SILVA, 1974, p. 78).

Tal citação é significativa a respeito do grau de desconhecimento que se tinha a respeito da condição desses remanescentes de quilombolas, sendo um desconhecimento sobre a sua cultura, língua e hábitos, a ponto de serem comparados aos índios bororós.

Em 1985, Martiniano José da Silva publicou *Racismo à brasileira: raízes históricas*. Publicou, ainda, outros títulos, inclusive literários. Em 1998 o autor defendeu a dissertação *Quilombos do Brasil Central: séculos XVIII e XIX (1719-1888): introdução ao estudo da escravidão*, sob orientação de Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles pela Universidade Federal de Goiás (UFG). A pesquisa de Martiniano Silva foi publicada em 2003 pela editora Kelps de Goiânia, com uma pequena alteração no título e o desenvolvimento de um capítulo onde discute a violência contra os escravos. O título da publicação ficou assim: *Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava, 1719-1888*.

A perspectiva adotada por Silva baseou-se, sobretudo nos estudos de Clóvis Moura (1997) sobre a “resistência escrava”. Assim, o quilombo é visto como parte do protesto negro, categoria que serviu para definir as lutas e reivindicações dos negros organizados durante o século XX<sup>2</sup>.

O quilombo nesta perspectiva passa a ser considerado enquanto busca e construção da identidade negra. O trabalho de Martiniano se ateve à principal forma de contestação ao sistema escravista: a fuga e formação de quilombo. Este processo de aquilombamento foi considerado por Martiniano como uma das principais forças desagregadoras do regime escravista em Goiás.

Neste mesmo trabalho o autor trata da ocupação de Goiás e suas consequências sociais enfocando a importância do trabalho escravo para economia do Brasil Central, a influência negra na cultura goiana e a formação dos quilombos e suas reminiscências. Os Kalunga, por representar o maior agrupamento negro do Estado e do Brasil são abordados com destaque.

## MARI DE NASARÉ BAIOCCHI

A antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, desde fins da década de 1970, desenvolve trabalhos acadêmicos sobre grupos negros rurais em Goiás (BAIOCCHI, 1982; 1983; 1984; 1986; 1991; 1996; 1999; 2002). Em 1983 a autora publicou o livro intitulado *Negros de Cedro*, que trata a respeito de uma comunidade de negros rurais em Mineiros/GO. Especificamente sobre o Kalunga, sua obra se faz bastante expressiva, assim como o Projeto Povo da Terra que representou importante elemento no processo de tombamento de seu território enquanto Sítio Histórico e Patrimônio Cultural da Humanidade.

*Negros de Cedro* resulta de um estudo antropológico em que por meio de entrevistas consegue apreender a origem populacional daquela comunidade. Na mesma obra de Baiocchi (1983), descendentes de escravos afirmam que Francisco Antonio de Moraes, mais conhecido como “Chico Moleque”, negro, bom, alto e valente só pensava em melhorar a vida de sua gente. Com o dinheiro ganho no trabalho aos domingos e dias de santos conseguiu alforria para a sua mulher e filha mais velha. Chico Moleque veio de Minas Gerais e seu trabalho gerou sua alforria e a compra de parte da Fazenda Rio Verde, onde começou a trabalhar com a mulher e filhos e alguns de seus irmãos. Aos poucos a população foi crescendo; negros das fazendas próximas e de outras regiões fixaram residências, casando entre si.

A perspectiva de Baiocchi sobre os Kalunga é fortemente marcada pela ideia do exotismo, quando relaciona os costumes Kalunga à realidade africana e atribui a eles um dialeto diferenciado, tendência que estrutura o artigo intitulado: *Kalunga e Barreirinho: mi-soso, malunda, ji-nongogo, mi-embu, maka*, onde Baiocchi (1996), em lista uma série de histórias e cantigas Kalunga, relacionando-as à literatura angolana.



Há também a afirmação da autora de que este grupo não havia sido tema de trabalhos científicos até a década de 1980, desconsiderando desta forma as menções feitas por Silva (1974), que cita a existência de interessados junto ao grupo Kalunga já na década de 1970.

Em 1995, Baiocchi se envolveu numa polêmica ao introduzir na escola Kalunga uma cartilha bilíngue, de sua autoria, enquanto recurso didático, como nos mostra o trecho da matéria exposta na folha de São Paulo:

A cartilha é uma aberração para uma comunidade negra. Branco é bonito e negro é feio nela, diz Ivana Leal, 28, do movimento negro unificado em Goiás. Ela ataca uma música sobre um rapaz que armou uma arapuca “pra pega moça bonita e também muié casada, mas pego um baita de um negão”. Baiocchi diz que não há preconceito algum em chamar um Kalunga de “negão”. É a forma como eles se tratam (CARVALHO, 1995 p.16)

Contudo, a obra de Baiocchi se configura, ainda hoje, como um referencial, ao menos para análises iniciais, ao estudo sobre os negros rurais de Goiás, principalmente no que diz respeito às comunidades Kalunga.

#### MARISE VICENTE DE PAULA

Em 2003, a geógrafa Marise Vicente de Paula desenvolveu um importante trabalho de dissertação de mestrado intitulado: *Kalunga: O Mito do Isolamento Diante da Mobilidade Espacial*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás cujo objetivo principal foi pesquisar o isolamento nos agrupamentos Kalunga contraposto ao intenso processo de mobilidade espacial realizado pelo grupo.

Sua dissertação foi desenvolvida em paralelo à análise dos elementos propulsores da mobilidade espacial no grupo tais como: perda de grande parte do território, busca por educação, saúde e trabalho. Sua discussão gira em torno de seis autores que realizaram pesquisas junto ao agrupamento Kalunga, bem como de alguns artigos de jornais, revistas e da internet, no qual os Kalunga são objetos de matérias que variam de reportagens informativas a propagandas de cunho turístico. Tal discussão analisa as noções de isolamento, africanização e exotização do grupo presentes nas obras acadêmicas e reportagens veiculadas pela mídia. Nas várias obras consultadas, que tratam a respeito do agrupamento Kalunga, as referências ao isolamento se fazem constantes, principalmente nas partes dedicadas à descrição sociocultural e histórica do grupo.

Nessa perspectiva do isolamento do povo Kalunga, julgamos o trabalho de Paula (2003) de grande relevância em meio às produções sobre os quilombos goianos haja vista que tem condições de contribuir para que as ideias de isolamento e de exotização das comunidades negras rurais goianas possam não ser mais empregadas em produções acadêmicas, principalmente naquelas que não estão inseridas no campo das ciências humanas.

#### ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA

O professor Eliézer Cardoso de Oliveira, em 2006, defendeu a sua tese de doutoramento intitulada *As representações do medo e das catástrofes em Goiás*, no departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Com o intuito de analisar a história goiana numa perspectiva das representações sociais do medo e das catástrofes, a referida produção não trata exclusivamente de quilombos, no entanto, traz um tópico chamado *O medo em Goiás* em que apresenta a situação de medo vivenciada pela população goiana, sobretudo por aqueles que se viam em situação desfavorável, em termos quantitativos e de localização.

Em seu trabalho, Oliveira (2006) cita alguns eventos de emboscadas e ataques por parte dos quilombolas que acabaram resultando em mortes como foi o caso do ataque de quilombolas a uma das lavras de Pilar/GO em 1751; tais ataques causavam um medo constante para os não quilombolas, especialmente os brancos, como foram os casos da tentativa de levante, também em Pilar/GO, em 1755, as constantes conturbações que causavam nos vilarejos próximos, tais como assaltos e vandalismo e a



grande quantidade de quilombos em volta das áreas de mineração. Casos pontuais de violência entre escravos e seus donos são descritos pelo autor na demonstração do clima de medo que se manteve em Goiás, mesmo com a decadência do ouro e a diminuição do número da escravaria.

De acordo com o Oliveira (2006), algumas tentativas visando a diminuição de crimes cometidos por escravos foram efetuadas em Goiás, tais como: a proibição da venda de aguardente para escravos; proibição de índios domesticados, escravos, negros forros e mulatos de portarem armas; proibição de rituais religiosos e ritmos de batuques que poderiam produzir levantes; ocupar integralmente o tempo do negro escravizado, mesmo que para isso fosse utilizado para carregar pedras. Outras estratégias de repressão aos escravos: uso dos Capitães do Mato e os brutais castigos físicos a que eram submetidos. Por conta desses castigos, conforme exemplifica o autor, os negros escravos se desesperavam de medo de seus senhores.

Nessa perspectiva relacionada ao medo vivenciado pela elite econômica e política de Goiás, o pesquisador Eliézer Cardoso de Oliveira demonstra em seu trabalho a relação de medo e inconstância entre escravos e seus senhores. Uma importante produção que se configura como referência para demais produções que queiram trilhar por tal caminho e que inaugura o estudo das representações das catástrofes em Goiás.

#### THAÍS ALVES MARINHO

A dissertação intitulada *Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque* foi apresentada em 2008 ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás e teve como intuito estudar as relações da identidade com a territorialidade, também, dentre os povos Kalunga. Por intermédio de um método de apreensão etnográfico, Marinho (2008) faz um estudo de caso na região do Vão do Moleque, buscando compreender as ressignificações identitárias antes e após o reconhecimento daquelas comunidades pela Constituição Federal Brasileira de 1988.

Interessante sua perspectiva de comunidade numa de suas considerações sobre a ideia que esse termo traz nos estudos que envolvem as comunidades negras rurais. Sobre isso, Marinho (2008, p. 14) diz que:

A categoria “comunidade” precisa ser problematizada nesses estudos. Merece ser relativizada a afirmação de que as “comunidades negras” vivem coletivamente e que seus membros socializam seus espaços cotidianos. Se a comunidade é percebida como experiência de igualdade, idéia manipulada com objetivos políticos, fatos empíricos atestam que essa experiência é uma ficção. Afinal, a “comunidade” não é imune à organização de uma sociedade dividida em classes, marcada por interesses antagônicos e contradições. Em última análise, o movimento produzido por essas contradições homogeneiza todos os expropriados, como os antagoniza com os proprietários dos meios de produção.

Essa mesma ideia do “intocado” ou do “imutável” também foi trabalhada pela autora quando aborda sobre a etnicidade em um grupo que, segundo ela, deve ser gerativa e não deve se limitar a explorar a conservação ou a persistência dos grupos étnicos, muito menos as narrativas de origem, mas tem que procurar esclarecer a dinâmica incessante de conformação e reestruturação do mesmo.

Assim, numa concepção voltada à sociologia, Marinho (2008) considera imaginários os símbolos e representações existentes dentre a população do Vão do Moleque e evidencia, inclusive, os problemas sociais daquele agrupamento.

Já em sua tese de doutoramento intitulada *Subjetividade, identidade e as redes de consumo Kalunga* apresentada em 2013, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília, Thaís Alves Marinho, num denso trabalho de 420 páginas, procurou descortinar o processo de politização da identidade Kalunga, sua relação com a territorialidade e com os atuais nexos de coordenação de governança no campo étnico-quilombola, por meio de uma etnografia do consumo na comunidade.

Nos tópicos 2.2, 2.3 e 2.4, intitulados *O negro em Goiás, Quilombos em Goiás e As origens das famílias Kalunga e territorialidade*, respectivamente, foram feitas importantes considerações sobre a chegada dos negros escravizados em Goiás e a sua participação na economia goiana, mesmo após a decadência do ouro. Fala, inclusive, da realização de atividades paralelas efetuadas pelos escravizados, o que lhes



permitia a conquista da alforria. Marinho (2013) nos esclarece que, mesmo após a alforria alguns forros continuavam nas terras do senhor, na condição de assalariados; outros, devido a inexistência de laços morais com o senhor, preferiram se estabelecer em quilombos ou em outras áreas periféricas.

Quanto ao histórico dos quilombos em Goiás, Marinho (2013), por intermédio de um documento datado de 30 de dezembro de 1760, apresenta que ainda bem no início da colonização goiana houve um episódio de destruição de um quilombo formado por 200 negros, nas imediações do rio Paranã. Em consonância com Baiocchi, entende que o quilombo que originou a população Kalunga era um que se situava nas proximidades do morro “Chapeo”, ideia reforçada pela fala de um antigo morador da comunidade (já falecido), o qual cita esse mesmo morro como sendo próximo ao local do quilombo.

Sobre o registro de quilombos em documentos oficiais, têm-se referências somente daqueles que foram atacados por forças militares e por capitães do mato contratados. Os que resistiram, possivelmente, ou não foram encontrados e atacados, ou mesmo destruídos, arranjam a vitalidade necessária à sua reconstrução. Peculiar, de certa forma, a consideração de Marinho (2013) quanto à denominação de “quilombo” às comunidades negras rurais. Para ela,

essa ausência de documentação oficial pode demonstrar também que muitos desses grupos de fato não têm referência com a formação de quilombos ou negros fugidos. Nesse caso, a formação desses grupos estaria relacionada a uma diversidade de relações entre escravos e a sociedade escravocrata e as diferentes formas pelas quais os grupos negros se apropriaram da terra, que devem ser levadas em consideração, e que geralmente a história oficial inspirada pelo conceito de quilombo da época da escravidão ignora (MARINHO, 2013, p. 229).

O trabalho de Marinho (2013) se relaciona aos estudos de Baiocchi, numa perspectiva de análise e ação, ou, melhor, configura-se numa expressão sociológica, com a preocupação de trazer os dados observados à luz de políticas públicas já conquistadas e daquelas que ainda não chegaram a ser executadas.

#### MARIA GERALDA DE ALMEIDA

A geógrafa Maria Geralda de Almeida desenvolveu diversas produções sobre populações tradicionais do cerrado, incluindo a população Kalunga. Produziu uma série de artigos científicos que trata sobre território, territorialidade e dos Kalunga, focando os seus estudos na comunidade do Engenho II. Entretanto, até por conta de espaço, levaremos em conta somente três de suas produções.

Em 2010, essa pesquisadora publicou o artigo *Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – Patrimônio e biodiversidade de sujeitos do cerrado*. Neste estudo tem-se a preocupação em discutir as relações entre os territórios e patrimônio, as quais constituem um dos focos principais, por se tratar de um espaço, no qual as territorialidades do Kalunga têm outros contextos que interferem em sua dinâmica como os conflitos pelo uso das terras distinto daqueles tradicionais e o turismo, ambos gradativamente presentes afetando a biodiversidade. Para Almeida (2010), a existência e a resistência do território dos Kalunga implicam em formular hipóteses explicativas que considerem sua relação com a terra e as identidades territoriais, e, também, em buscar interpretar as territorialidades em curso.

Almeida (2013), no artigo *Roteiros e dramas: a identidade territorial dos Kalunga que vivem “entre territórios”* escrito em parceria com a doutoranda Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira, evidencia o papel da mobilidade dos Kalunga que saíram de suas terras e foram para a cidade [outros territórios], analisando de que forma isso influencia na manutenção de laços identitários e na própria prevalência de rituais religiosos e festivos, considerando o momento atual.

No artigo *Território, lugar e identidade territorial dos Kalunga em Goiás: uma leitura do mundo vivido das comunidades*, também publicado em 2013, a mesma pesquisadora, agora em parceria com a mestrand Luana Nunes Martins de Lima, estuda a identidade territorial dos Kalunga numa abordagem que leva em conta as categorias geográficas território e lugar. Relaciona essas duas categorias na análise da dimensão simbólico-cultural, considerando, para isso, o cotidiano de vida daquela população.



## Conclusão

A historiografia goiana dá conta da extrema relevância dos negros escravizados para o próprio desenvolvimento do “ciclo” do ouro em Goiás. Outras atividades econômicas também eram efetivadas pela mão-de-obra escravizada. Entretanto, a resistência perante uma ordem escravista possibilitou a fuga e os surgimentos de quilombos, alguns compostos, inclusive, por indígenas, em diferentes lugares de Goiás. Essas populações e suas descendências se mantiveram [e muitas ainda se mantêm], enquanto grupos, resistentes às lógicas sociais, religiosas, econômicas e culturais impostas pelo Estado brasileiro [considerando as políticas do Estado nacional por meio de instituições como a Funai ou pressões por parte dos latifundiários e grileiros em áreas protegidas, dentre outros casos].

Quanto ao estudo dos quilombos urbanos de Goiás, ainda são poucas as contribuições que levem em conta as suas significações, suas origens, suas trajetórias urbanas e/ou rurais, bem como as suas manifestações culturais. Entretanto, as primeiras leituras indicam que os estudos que envolvem os “espaços negros” urbanos são estimulantes e relativamente novos, o que nos faz acreditar que tantos outros poderão contribuir para o entendimento da própria segregação urbana.

Partindo de nossos estudos e de nossa participação em grupos de estudos compostos por militantes negros, podemos dizer que, no nosso entendimento, ser quilombola, hoje, não significa estabelecer tão somente uma mera relação de vivência em locais originários de quilombos e de estabelecer o retorno ao isolamento das comunidades quilombolas, isolamento esse que, em muitos casos, talvez, nunca tenha existido. Contudo, a afirmação de ser quilombola, tem como fundamento o contínuo reconhecimento da história de diáspora da população africana e a sua escravização em terras brasileiras. O termo “quilombo” expressa o alicerce de resistência negra e consiste em grupos que desenvolvem práticas cotidianas a partir de experiências vividas e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo.

## Notas

- 1 Ao se pensar sobre territórios de quilombos, deve-se considerar as trajetórias socioespaciais dessas comunidades, considerando sempre as suas mobilidades.
- 2 João José Reis e Eduardo Silva realizaram um estudo (Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista, São Paulo: Cia. das Letras, 1989) que, no mínimo, na época, causou muita polêmica. Esses autores partem da premissa de que a escravidão foi tratada pela historiografia de maneira muito rígida. Propõem como alternativa a visão do negro como herói ou vítima, uma perspectiva que coloca o papel da “resistência” no cotidiano da escravidão que levou a conquistas progressivas. Jacob Gorender iniciara o debate polêmico sob o tema ao publicar *A escravidão reabilitada*, São Paulo: Ática, 1990, criticando os trabalhos de Kátia Mattoso e Silvia Lara que teriam escamoteado o processo de coisificação inerente ao sistema escravista. É uma crítica dirigida à chamada “Escola unicampista”. Gorender segue aqui a mesma vertente marxista de Nelson Werneck Sodré, ao considerar os resquícios de feudalismo no antigo sistema colonial.

## Referências

- ALMEIDA, M. G. de. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – Patrimônio e biodiversidade de sujeitos do cerrado. *Cerrado do nordeste goiano*, v.4, n.1, p.36-63, jan./fev. 2010.
- ALMEIDA, M. G. de; MOREIRA, J. de F. R. Roteiros e dramas: a identidade territorial dos Kalunga que vivem “entre territórios”. *Revista Territorial*, Goiás, v-2, n. 2, P. 28-42, 2013.
- ALMEIDA, M. G. de; LIMA, L. N. M. de. Território, lugar e identidade territorial dos Kalunga em Goiás: uma leitura do mundo vivido das comunidades. In: *As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia – V NEER*. 2013. 18p. Disponível em: <http://www.geografia.ufmt.br/neer>. Acesso em: 02/10/2014.
- BAIOCCHI, M. de N. *Calunga*. Encontro anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Friburgo: 1982. 3p.
- \_\_\_\_\_. *Negros de Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática, 1983.



- \_\_\_\_\_. *Kalunga: liberdade e cidadania*. *Revista do ICHL*, Goiânia, v.4, n. 2, p. 219- 222, julh./dez. 1984.
- \_\_\_\_\_. *Calunga – Kalumba: Universo Cultural*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. V 11 Goiânia: IHGG, Janeiro de 1986.
- \_\_\_\_\_. *Kalunga – estórias e textos*. Goiânia, SEEG, 1991. 53 p.
- \_\_\_\_\_. *Kalunga e Barreirinho: Mi-soso, Malunda, Ji-sabu, Ji-nongongo, Mi-embu, Maka*. Comunicação apresentada a XX Reunião da ABA e I Conferência sobre relações étnicas e relações raciais na América latina e caribe. Salvador: 1996, p. 139-152.
- \_\_\_\_\_. *Kalunga: povo da terra*. Goiânia: Editora UFG, 1999. 123p.
- \_\_\_\_\_. *Simpósio Kalunga: Políticas públicas/Projeto Kalunga Povo da Terra*. Reunião Anual da SBPC. Goiânia: 2002. 3 p.
- CARVALHO, M. C. *Invasor ameaça antigo quilombo em Goiás: três quartos do território dos Kalungas, no qual vivem a mais de 250 anos, foram tomados por grileiros de terras*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 1995. Caderno 1, p.16.
- GUSMÃO, N. M. M. Negro e camponês: cultura política e identidade no meio rural brasileiro. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 6, n. 3, 1992.
- KARASCH, M. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, J. J. R.; GOMES, F. S. (Orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 240-262.
- MARINHO, T. A. *Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque*. 2008. 208f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia-GO, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Subjetividade, identidade e as redes de consumo Kalunga*. 2013. 419f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.
- MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOURA, C. Sociologia do quilombo: a quilombagem como expressão de Protesto Radical. In: MOURA, C. (Org.). *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*. Maceió: EDUFAL, 1997.
- OLIVEIRA, E. C. de. *As representações do medo e das catástrofes em Goiás*. 2006. 359f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.
- PALACÍN, L.; MORAES, M. A. de S. *História de Goiás*. 6.ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994.
- PAULA, M. V. de. *Kalunga: mito do isolamento diante da mobilidade espacial*. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2003.
- SALLES, G. V. F. de. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1992. (Coleção documentos goianos, nº. 24).
- SILVA, M. J. da. **Sombra dos Quilombos**: introdução ao estudo do negro em Goiás. Goiânia: Cultura Goiana, 1974. 132p.
- \_\_\_\_\_. *Racismo à brasileira: raízes históricas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Quilombos do Brasil Central: séculos XVIII e XIX (1719-1888)*. Introdução ao estudo da escravidão. 1998. 464f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História – Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia-GO, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava 1719 – 1888*. Goiânia: Kelps, 2003.
- SÍTIO eletrônico da Fundação Cultural Palmares – FCP - [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br). Acesso em: 20.09.2014.

